ReGeo
ISSN: 2177-3246

"ESTRANHANDO" A NORMATIVIDADE: A CURRICULARIZAÇÃO DA TEORIA QUEER NA REVELAÇÃO DO CURRÍCULO OCULTO

"RETHINKING" NORMATIVITY: THE INCORPORATION OF QUEER THEORY INTO THE CURRICULUM AS A MEANS OF REVEALING THE HIDDEN CURRICULUM

«DESCONCERTANDO» LA NORMATIVIDAD: LA INCORPORACIÓN DE LA TEORÍA QUEER AL PLAN DE ESTUDIOS Y LA REVELACIÓN DEL PLAN DE ESTUDIOS OCULTO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-187

Data de submissão: 28/08/2026 **Data de publicação:** 28/09/2026

Bruno Oliveira da Silva
Mestrando em Ensino
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
E-mail: prof.brunooliveira.enf@gmail.com

Kauane Cabral de Oliveira
Graduanda em Enfermagem
Instituição: Centro Universitário de Excelência (UNEX)
E-mail: kauanecabralpires@gmail.com

Miquéias Souza Silva
Pedagogo
Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)
E-mail: prof.miqueias.ss@gmail.com

Maria Santos de Oliveira
Mestranda em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)
E-mail: liaholiveira94@gmail.com

RESUMO

A instituição escolar atua continuamente na regulação das identidades de gênero e sexualidade através das dinâmicas silenciosas do currículo oculto. Diante da reprodução da matriz heteronormativa nas micropráticas pedagógicas, torna-se premente discutir de que modo a curricularização da Teoria Queer atua no tensionamento da normatividade escolar ao desnaturalizar esse currículo subjacente. Este estudo analisa a potência desconstrucionista e subversiva da perspectiva queer no desvelamento dos rituais cotidianos e no deslocamento das práticas formativas. A partir de uma abordagem qualitativa pautada na reflexão teórica sob a ótica pós-crítica, a investigação explora os aportes epistemológicos que possibilitam o estranhamento da suposta neutralidade do ambiente educativo. Evidencia-se que a lente queer ultrapassa os limites restritos da tolerância superficial e do multiculturalismo assimilacionista, desarticulando binarismos de gênero e visibilizando a multiplicidade das subjetividades não conformes. Conclui-se que conceber o currículo como uma conversa complicada e um espaço de invenção contínua instaura uma práxis não-canônica, irreverente e descentradora, fundamental para desestabilizar as violências simbólicas do silenciamento e cultivar a proliferação de existências plurais no chão da escola.

Palavras-chave: Currículo Oculto. Teoria Queer. Estudos Curriculares. Normatividade Escolar. Teoria Pós-crítica.

ABSTRACT
The school institution acts continuously in regulating gender and sexuality identities through the silent dynamics of the hidden curriculum. Facing the reproduction of the heteronormative matrix in micro-pedagogical practices, it becomes urgent to discuss how the curricularization of Queer Theory operates in tensioning school normativity by denaturalizing this underlying curriculum. This study analyzes the deconstructive and subversive power of the queer perspective in unveiling everyday rituals and displacing formative practices. Based on a qualitative approach rooted in theoretical reflection under a post-critical framework, the investigation explores the epistemological contributions that enable the estrangement of the supposed neutrality within the educational environment. It becomes evident that the queer lens moves beyond the restricted limits of superficial tolerance and assimilationist multiculturalism, disarticulating gender binarisms and highlighting the multiplicity of non-conforming subjectivities. It concludes that conceiving the curriculum as a complicated conversation and a space of continuous invention establishes a non-canonical, irreverent, and decentralizing praxis, essential for destabilizing the symbolic violence of silencing and fostering the proliferation of plural existences in the school daily life.

Keywords: Hidden Curriculum. Queer Theory. Curriculum Studies. School Normativity. Post-critical Theory.

RESUMEN
La institución escolar actúa continuamente en la regulación de las identidades de género y sexualidad a través de las dinámicas silenciosas del currículo oculto. Ante la reproducción de la matriz heteronormativa en las microprácticas pedagógicas, se torna apremiante discutir de qué modo la curricularización de la Teoría Queer actúa en la tensión de la normatividad escolar al desnaturalizar ese currículo subyacente. Este estudio analiza la potencia desconstruccionista y subversiva de la perspectiva queer en la develación de los rituales cotidianos y en el desplazamiento de las prácticas formativas. A partir de un enfoque cualitativo pautado en la reflexión teórica bajo la óptica poscrítica, la investigación explora los aportes epistemológicos que posibilitan el extrañamiento de la supuesta neutralidad del ambiente educativo. Se evidencia que la lente queer trasciende los límites restringidos de la tolerancia superficial y del multiculturalismo asimilacionista, desarticulando binarismos de género y visibilizando la multiplicidad de las subjetividades no conformes. Se concluye que concebir el currículo como una conversación complicada y un espacio de invención continua instaura una praxis no-canónica, irreverente y descentradora, fundamental para desestabilizar las violencias simbólicas del silenciamiento y cultivar la proliferación de existencias plurales en el piso de la escuela.

Palabras clave: Currículo Oculto. Teoría Queer. Estudios Curriculares. Normatividad Escolar. Teoría Poscrítica.

1 INTRODUÇÃO

A instituição escolar constitui, para além da transmissão de conteúdos formais preestabelecidos, um denso campo de lutas por significação, poder e fabricação de subjetividades (Silva, 2010), cujas dinâmicas cotidianas ultrapassam, na arquitetura pedagógica que lhes é própria, os limites dos documentos prescritos e da própria Base Nacional Comum Curricular (Santos, 2023). Rituais de linguagem, arranjos espaciais e omissões compõem a dimensão do currículo oculto em que se consolida o eficaz governamento dos corpos no espaço escolar (Miskolci, 2012), inscrevendo-se aí as normas de gênero e sexualidade que, conforme salienta Louro (1997), regulam sutilmente gestos e afetos no cotidiano escolar.

Essa regulação implícita, operando precipuamente por meio da matriz heteronormativa e binária, gera disputas e tensionamentos constantes na cultura escolar (Lima, 2021), de sorte que investigações recentes apontam ser a vivência de estudantes e docentes dissidentes frequentemente atravessada pelo silenciamento e por desafios inscritos no cotidiano da educação básica (Lima, 2021). Da recusa em debater gênero e diversidade decorre uma falsa ideia de neutralidade que reforça o preconceito velado e a exclusão (Barduni Filho; Bastos, 2024), tornando-se insuficiente, para rasurar as estruturas normativas subjacentes a tais dinâmicas, a tentativa de combater a discriminação mediante mera “inclusão sentimental” ou acréscimo pontual de conteúdos (Britzman, 1995).

A Teoria Queer emerge, nesse cenário, no campo educacional como potente ferramenta de emancipação dos corpos e de desestabilização dos saberes consolidados (Barduni Filho e Bastos, 2024), de modo que sua incorporação ao currículo possibilita uma verdadeira queerização das teorias educacionais (Lima, 2022). Recusando o apaziguamento das diferenças em favor da perturbação da familiaridade do pensamento e do questionamento das oposições binárias (Louro, 2001), tal práxis assume, ao prescindir de certezas absolutas, caráter politicamente subversivo e descentrador diante dos discursos dominantes (Lima, 2021).

Diante do desafio de desarticular os mecanismos invisíveis da escola, este estudo problematiza a seguinte questão central: de que modo a curricularização da Teoria Queer tensiona a normatividade escolar ao desnaturalizar as tramas do currículo oculto? Buscando responder a essa indagação, o presente trabalho pretende demonstrar a potência desconstrucionista e subversiva da Teoria Queer no desvelamento do currículo oculto e no deslocamento das práticas pedagógicas, para o que o percurso analítico se organiza em três momentos articulados entre si. Num primeiro momento, identificam-se os conceitos da Teoria Queer que operam no estranhamento e na revelação das normas implícitas do currículo oculto; segue-se, então, a análise de como o olhar queer desarticula binarismos no cotidiano escolar ao visibilizar a multiplicidade das subjetividades (Borba e Lima, 2014); para que, por fim, se

proponham horizontes pedagógicos capazes de consolidar o currículo queer como práxis não canônica, irreverente e descentradora no ambiente educativo (Pinar, 1998).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS TEORIAS PÓS-CRÍTICAS E A DIMENSÃO OCULTA DO CURRÍCULO

O campo dos estudos curriculares sofreu deslocamentos epistemológicos importantes ao longo das últimas décadas: as leituras reducionistas e tecnicistas, que reduziam a escola a uma instituição de transmissão neutra de conhecimentos, cederam lugar às teorias pós-críticas, para as quais o currículo é artefato cultural e arena de disputas em que conhecimento, poder e identidade se entrecruzam constitutivamente (Silva, 2010). Redes de significação são tecidas nesse espaço incerto e dinâmico, no qual as subjetividades são continuamente produzidas e reguladas, distante do conjunto inerte de conteúdos organizados linearmente que a leitura tecnicista supunha (Moreira e Silva, 2011).

A virada pós-crítica desloca o foco das análises estruturais ou econômicas para evidenciar que os processos educativos operam precipuamente pela linguagem e pelos discursos: o currículo cria realidades, estabelece critérios do que conta como saber legítimo e delimita as fronteiras entre o centro e a periferia da cultura escolar (Silva, 2010). A ação formativa da escola, contudo, extrapola as diretrizes e os documentos prescritos oficiais, pois paralelamente às intenções explícitas de ensino atua a dimensão do currículo oculto, formada por aprendizagens implícitas, expectativas não ditas e rituais comportamentais que organizam o espaço e o tempo escolares (Silva, 2010).

O currículo oculto opera de maneira silenciosa e incisiva na modelagem dos sujeitos. Enquanto o currículo oficial veicula saberes e competências formais, o currículo oculto atua nas frestas das interações cotidianas, onde valores, atitudes e hierarquias sociais são ensinados sem que haja um anúncio deliberado desse aprendizado (Mello, 2019). Nessa camada subterrânea da vida pedagógica, o governamento dos corpos se consolida com maior eficácia, pois suas diretrizes são assimiladas como regras naturais e inquestionáveis de convivência escolar (Batista, 2024); as hegemonias culturais e de gênero, por isso, encontram nesse terreno pouco visível condições propícias à sua perpetuação no ambiente educacional.

2.2 A ENGRENAGEM HETERONORMATIVA E A REGULAÇÃO DOS CORPOS ESCOLARIZADOS

Na arquitetura da escola tradicional, o currículo oculto funciona como um potente dispositivo de alinhamento dos corpos à matriz heterossexual e binária de gênero. Essa regulação implícita se manifesta desde a educação primária, inscrevendo marcas profundas nos gestos, na gestualidade e na

sensibilidade dos estudantes. Conforme salienta Louro (1997), a escola atua diretamente na produção física das identidades normativas:

> "Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninas e meninos, tornam-se parte de seus corpos." (Louro, 1997, p. 61).

Essa produção do corpo "correto" e "educado" ocorre mediante micropráticas disciplinares cotidianas, tais como a divisão de filas por sexo, a separação de brinquedos ou quadras esportivas e a vigilância constante sobre a expressão de afeto entre os pares.

A matriz heteronormativa estabelece uma hierarquia rígida na qual a vivência heterossexual é tomada como o padrão universal e desejável, enquanto as experiências que escapam a essa norma são rebaixadas à condição de desvio ou abjeção (Miskolci, 2012). O controle social exercido pela instituição escolar opera tanto pela sanção direta quanto pela omissão intencional. O silenciamento das identidades e pautas LGBTQIA+ nos espaços formais de ensino representam a consolidação de uma rigorosa "pedagogia da ausência" (Junqueira, 2009). Como analisa Louro (1997, p. 67), "o ocultamento ou negação dos(as) LGBT e homossexualidade na escola... é uma prática adotada como forma de reforçar a 'norma'".

Dessa forma, a naturalização de deboches, piadas e agressões veladas no ambiente escolar constitui um mecanismo recorrente de reafirmação dos limites da normatividade (Mello, 2019). A homofobia e a transfobia institucionais são efeitos colaterais de uma estrutura curricular que se nega a problematizar criticamente a assimetria das relações de gênero e a diversidade das sexualidades (Junqueira, 2009). Ao manter invisíveis os sujeitos dissidentes, o currículo oculto resguarda a ilusão de uma neutralidade pedagógica que, na prática, reproduz cotidianamente a vulnerabilidade e a marginalização dos corpos não conformes (Lima, 2021).

2.3 EPISTEMOLOGIA QUEER E O "ESTRANHAMENTO" DA NORMA EDUCACIONAL

Diante do caráter regulador da escola tradicional, as tentativas de superação dos preconceitos pautadas no multiculturalismo assimilacionista revelam suas limitações epistemológicas. A mera inclusão de conteúdos informativos ou o agendamento de datas comemorativas sobre diversidade mantêm intacta a estrutura que produz a desigualdade, promovendo o que se convencionou criticar como uma "inclusão sentimental" (Britzman, 1995). A inclusão superficial busca tolerar a alteridade, desde que esta se comporte de maneira assimilada e não coloque em risco as certezas do paradigma dominante (Louro, 2001).

A emergência da Teoria Queer no campo educacional propõe um deslocamento radical nessa abordagem. Em vez de requerer o reconhecimento dentro das políticas tradicionais de identidade, a epistemologia queer assume uma postura pós-identitária voltada à desestabilização dos próprios binarismos e das categorias fixas que classificam os sujeitos (Louro, 2001). A perspectiva queer recusa a ideia de identidades estáveis e essenciais, propondo que o objetivo da educação é estranhar o próprio centro produtor da normatividade.

Nesse sentido, a Teoria Queer atua como um operador analítico profundamente irrequieto. Em formulação emblemática sobre o alcance dessa virada conceitual, Silva (2001) postula:

> Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (Silva, 2001, p. 105)

A postura queer desarticula a "paixão pela ignorância" conceito de Britzman (1995) que descreve a resistência ativa das instituições em entrar em contato com saberes que desafiem a comodidade das verdades dadas. A Teoria Queer não oferece um porto seguro nem formulários apaziguadores; ela convoca o pensamento pedagógico a conviver com o conflito ético e a perturbar sistematicamente a familiaridade dos discursos escolares (Louro, 2001).

2.4 CURRICULARIZAÇÃO QUEER: POR UM CURRÍCULO NÃO-CANÔNICO E DESCENTRADOR

A incorporação da perspectiva queer no debate curricular ultrapassa a criação de uma disciplina específica ou o adendo de um tópico isolado ao plano de ensino. Trata-se de um movimento continuado de queerização das próprias teorias de currículo e das práticas pedagógicas (Lima, 2022). Curricularizar o queer significa adotar uma atitude constante de desnaturalização diante do conhecimento escolarizado, transformando o ato de ensinar em uma experiência de abertura para o imprevisto e para a multiplicidade das formas de vida (Borba e Lima, 2014).

Ao problematizar a rigidez dos programas educacionais, Pinar (2011) propõe que o currículo seja concebido não como um documento morto ou uma listagem burocrática de objetivos, mas como uma "conversa complicada" em permanente construção. Nessa perspectiva, o método currere convoca educadores e estudantes a examinarem reflexivamente suas histórias de vida e memórias escolares, trazendo à luz as marcas repressivas impostas pelo silenciamento e pela norma. A abordagem queer impele o currículo a descentrar a autoridade dos saberes patriarcais e heteronormativos, desmantelando hierarquias epistemológicas consolidadas (Pinar, 1998).

Um currículo desenhado a partir dessas premissas se afirma como estruturalmente não-canônico (Pinar, 1998). Ele rejeita a fixidez dos dogmas e abre espaço para a emergência de poéticas pedagógicas em que o imprevisível, o corpo e o afeto ganham centralidade na produção do conhecimento (Barduni Filho e Bastos, 2024). Ao estranhar as certezas do currículo oculto e desmontar as oposições binárias, a curricularização da Teoria Queer instaura uma práxis pedagógica irpertinente e descentradora, indispensável para que o ambiente escolar se converta em um espaço aberto à proliferação de subjetividades plurais.

2.5 METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem de natureza qualitativa, vocacionada para a apreensão dos sentidos, dos processos implícitos e das dinâmicas relacionais que configuram o espaço educacional (Amado, 2014). Essa opção metodológica permite ir além da análise dos documentos prescritos, lançando luz sobre os modos pelos quais a cultura escolar é atravessada por múltiplas determinações sociais e culturais (Moreira e Candau, 2003). Ao focalizar a dimensão subjetiva do cotidiano escolar, a pesquisa debruça-se sobre as práticas e representações que constituem o ambiente educativo, permitindo compreender de que forma as regras não ditas influenciam a formação dos sujeitos.

Do ponto de vista epistemológico, o estudo filia-se às teorias pós-críticas do currículo, concebendo o conhecimento escolar não como um conjunto neutro de saberes, mas como um campo incerto de lutas por significação e produção de identidades (Moreira e Silva, 2011). Essa matriz teórico-metodológica desconfia de concepções essencialistas sobre a educação, encarando o currículo como um artefato cultural profundamente implicado em relações de poder (Silva, 2010). Tal posicionamento exige um olhar atento aos processos discursivos e institucionais que definem a normalidade e delimitam o que pode ser dito e vivido nos espaços de aprendizagem.

Para operar essa leitura analítica, o percurso metodológico adota a Teoria Queer como dispositivo de tensionamento e desconstrução das matrizes heteronormativas na educação (Miskolci, 2016). Essa lente analítica desdobra-se em um exercício de investigação de caráter rizomático, voltado a problematizar as classificações binárias e a visibilizar a multiplicidade das experiências humanas (Borba e Lima, 2014). Mediante a articulação desses aportes, o estudo procede ao exame crítico dos conceitos e das evidências empíricas sobre o currículo oculto, consolidando um procedimento de estranhamento que busca revelar os mecanismos implícitos de regulação e projetar práticas pedagógicas descentradas e não-canônicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O VISÍVEL E O SUBTERRÂNEO: ESTRANHANDO AS MARCAS DO CURRÍCULO OCULTO NA REGULAÇÃO DOS CORPOS

A investigação sobre o cotidiano escolar demonstra que as dinâmicas de regulação de gênero e sexualidade ocorrem precipuamente nas camadas subterrâneas da prática pedagógica. A análise dos dados empíricos e bibliográficos revela que o currículo oculto funciona como um potente operador de naturalização de hierarquias corporais e papéis sociais (Batista, 2024). Enquanto os documentos e planos de ensino oficiais declaram princípios de igualdade, o currículo oculto inscreve nos corpos rotinas, rituais disciplinares e limites gestuais que silenciosamente delimitam os comportamentos de meninos e meninas (Louro, 1997). Essa regulação não dita opera na divisão dos espaços, no controle dos movimentos e na vigilância constante sobre as manifestações afetivas no ambiente escolar.

A Teoria Queer intervém nesse cenário como uma chave analítica de estranhamento epistemológico, capaz de tornar visíveis as engrenagens que a rotina escolar assimilou como constitutivas ou naturais (Miskolci, 2016). Sob essa perspectiva, o silenciamento das vivências não heteronormativas no espaço educativo não pode ser interpretado como um esquecimento casual ou uma omissão involuntária, mas sim como o funcionamento sistemático de uma pedagogia da ausência destinada a preservar a matriz heteronormativa (Junqueira, 2009). Ao desmascarar tais rituais, a pesquisa evidencia que a alegada neutralidade pedagógica oculta assimetrias profundas e perpetua a vulnerabilidade das identidades não conformes (Mello, 2019).

3.2 A DESARTICULAÇÃO DOS BINARISMOS: TENSÕES DO COTIDIANO E A EMERGÊNCIA DE SUBJETIVIDADES MÚLTIPLAS

O aprofundamento do exame sobre o ambiente escolar explicita as limitações teóricas e práticas dos modelos baseados na tolerância superficial ou no multiculturalismo assimilacionista. As tentativas de abordar a diversidade por meio de celebrações pontuais ou de uma inclusão meramente sentimental mostram-se incapazes de desestruturar a oposição binária que organiza o conhecimento formal (Britzman, 1995). Ao colocar em suspenso a divisão rígida entre o normal e o anormal, a lente queer recusa a fixação de identidades em categorias estáticas e universais (Borba e Lima, 2014). Os achados indicam que, quando a instituição escolar se recusa a tensionar suas normas de gênero, o cotidiano permanece marcado pela reprodução de preconceitos velados e pelo isolamento de sujeitos dissidentes (Lima, 2021).

A inserção de conteúdos isolados sobre diversidade nas diretrizes curriculares não altera, por si só, o modo como a escola hierarquiza e classifica as subjetividades (Barduni Filho; Bastos, 2024).

Torna-se indispensável, portanto, deslocar o foco analítico da simples integração da alteridade para o tensionamento direto das matrizes normativas que produzem o desvio (Santos, 2023). Esse movimento pós-identitário possibilita o reconhecimento da multiplicidade das trajetórias humanas sem reduzi-las a definições apaziguadoras, permitindo que as dissidências de gênero e sexualidade afirmem sua existência no espaço escolar sem a exigência de assimilação aos padrões hegemônicos.

3.3 CURRICULARIZAÇÃO QUEER COMO PRÁXIS DESCENTRADORA: HORIZONTES NÃO-CANÔNICOS E POÉTICAS DA DIFERENÇA

Por fim, a análise aponta para a necessidade de consolidar a curricularização da Teoria Queer como um movimento ininterrupto de diferenciação e abertura das práticas educativas. Esse processo manifesta-se como uma atitude de inquietação contínua diante das certezas pedagógicas (Lima, 2022). O currículo assume-se, dessa forma, como uma conversa complicada e em permanente construção, convocando a comunidade escolar a desmantelar a centralidade dos saberes patriarcais e heteronormativos (Pinar, 1998).

Ao recusar a rigidez dos programas lineares e o fechamento das identidades, a práxis queer instaura uma abordagem educacional caracterizada pela descontinuidade, pela irreverência e pelo estranhamento (Silva, 2001). Essa perspectiva fomenta poéticas pedagógicas desprovidas de dogmas, abertas ao imprevisto e ao afeto como dimensões legítimas do conhecimento escolar (Barduni Filho e Bastos, 2024). Em suma, a curricularização da Teoria Queer reposiciona a pesquisa e a docência, convertendo o desvelamento do currículo oculto em uma postura ética de afirmação e proliferação de existências plurais (Lima, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu evidenciar como a infraestrutura silenciosa do ambiente escolar opera continuadamente no governamento dos corpos e na consolidação da matriz heteronormativa. A investigação partiu do questionamento sobre de que modo a curricularização da Teoria Queer atua no tensionamento da normatividade escolar ao desnaturalizar as tramas do currículo oculto. Em resposta a essa inquietação central, demonstrou-se que a perspectiva queer se estabelece como uma potência desconstrucionista e subversiva capaz de provocar deslocamentos profundos nas práticas pedagógicas e nas certezas institucionais.

O percurso analítico cumpriu satisfatoriamente o conjunto de objetivos delimitados. No que tange ao primeiro objetivo específico, foi possível identificar como os aportes da epistemologia queer atuam no estranhamento do cotidiano, retirando a suposta neutralidade das micropráticas, rituais e

disposições espaciais que compõem o currículo oculto. Em relação ao segundo objetivo, evidenciou-se que a lente queer desarticula a rigidez dos binarismos de gênero e sexualidade, ultrapassando os limites restritos da tolerância assimilacionista para visibilizar a multiplicidade das subjetividades em sua plenitude existencial. Por fim, no tocante ao terceiro objetivo, projetaram-se horizontes educativos em que o currículo se afirma como uma conversa complicada e um espaço de invenção contínua, assumindo um caráter não-canônico, irreverente e descentrador.

Conclui-se que curricularizar a Teoria Queer no chão da escola significa manter acesa uma postura de constante inquietação diante do saber e do poder constituídos. Ao recusar o fechamento de identidades e a rigidez dos dogmas educacionais, essa abordagem oferece aos estudos curriculares um operador crítico indispensável para desestabilizar as violências simbólicas do silenciamento e abrir espaço à proliferação de vivências plurais. A pesquisa aponta, desse modo, para a relevância de investigações futuras que acompanhem as repercussões e desdobramentos dessas práticas nas rotinas escolares, fortalecendo experiências pedagógicas comprometidas com o estranhamento permanente da norma e com a abertura para o imprevisível na educação.

REFERÊNCIAS

AMADO, João (Org.). Manual de investigação qualitativa em educação. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

BARDUNI FILHO, Jairo; BASTOS, Joane Victória Viana. Educação, currículo e Teoria Queer: por uma política de emancipação dos corpos. Temporis[A]ção, Cidade de Goiás; Anápolis, v. 24, n. 02, p. 1-18, jul./dez. 2024.

BORBA, Rodrigo; LIMA, Fátima. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. Periódicus, Salvador, nov. 2014.

BRITZMAN, Deborah P. Is there a queer pedagogy? Or, stop reading straight. Educational Theory, Urbana-Champaign, v. 45, n. 2, p. 151-165, 1995.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

LIMA, João Paulo de. Ecoar o possível: do currículo queer à queerização da teoria de currículo. Aceno, Cuiabá, v. 9, n. 18, p. 1-15, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Os corpos educados: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELLO, Alisson Ribeiro de. Análise do currículo oculto e das identidades LGBT no espaço escolar. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EAIC), 28., 2019, Ponta Grossa. Anais [...]. Ponta Grossa: UEPG, 2019. p. 1-4.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, 2003.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo, cultura e sociedade. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINAR, William F. (Org.). Queer theory in education. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

PINAR, William F. The character of curriculum studies: Bildung, currere, and the recurring question of the subject. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

SANTOS, Joana D'Arc dos. Sobre o queer podemos pesquisar em currículo e educação? Notas sobre expansões, obstáculos e imaginações. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023011, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Uma coisa “estranha” no currículo: a teoria queer. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 104-109.